

# RELAÇÕES DE PODER, HEGEMONIA E IDEOLOGIA

## POWER RELATIONS, HEGEMONY AND IDEOLOGY

Tatiane Elias Garcia<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objetivo explorar três obras fundamentais que abordam aspectos interligados do pensamento político, filosófico e social. “Fascismo”, de Evguiéni B. Pachukanis, lançado em 2020, oferece uma análise crítica das raízes ideológicas e implicações sociais do fascismo. Em seguida, “Filosofia, Ideologia e Ciência Social - Ensaio de Negação e Afirmção”, de István Mészáros, publicado em 1993, destaca as contradições do sistema capitalista e as potenciais transformações sociais. Por fim, “A Ideologia Alemã”, de Karl Marx e Friedrich Engels, escrito no século XIX, fornece uma base teórica para compreender o materialismo histórico e criticar a ideologia dominante. A pesquisa busca traçar conexões entre essas obras para enriquecer a compreensão das dinâmicas sociais e políticas contemporâneas.

**Palavras-chave:** fascismo, análise crítica, sistema capitalista, transformação social, materialismo histórico, ideologia dominante, dinâmicas sociais, desafios contemporâneos.

**Abstract:** This research aims to explore three fundamental works that address interconnected aspects of political, philosophical and social thought. “Fascism”, by Evguiéni B. Pashukanis, released in 2020, offers a critical analysis of the ideological roots and social implications of fascism. Then, “Philosophy, Ideology and Social Science - Essays on Denial and Affirmation”, by István Mészáros, published in 1993, highlights the contradictions of the capitalist system and

---

<sup>1</sup> Formada em Pedagogia, possui algumas especializações na área da educação como Psicopedagogia Clínica e Neuropsicopedagogia, atualmente estou cursando mestrado em História pela UEG-Morrinhos.

potential social transformations. Finally, “The German Ideology”, by Karl Marx and Friedrich Engels, written in the 19th century, provides a theoretical basis for understanding historical materialism and criticizing the dominant ideology. The research seeks to draw connections between these works to enrich the understanding of contemporary social and political dynamics.

**Keywords:** fascism, critical analysis, capitalist system, social transformation, historical materialism, dominant ideology, social dynamics, contemporary challenges.

## INTRODUÇÃO

A compreensão das complexidades políticas e sociais ao longo da história é fundamental para analisarmos os fenômenos contemporâneos que moldam o nosso mundo. Nesse contexto, a presente pesquisa se propõe a explorar três obras essenciais que lançam luz sobre aspectos distintos, porém interligados, do pensamento político, filosófico e social. O primeiro livro em destaque é “Fascismo”, de Evguiéni B. Pachukanis, lançado em 2020 pela editora Boitempo. A obra proporciona uma análise aguda e crítica do fascismo, desvelando suas raízes ideológicas e suas implicações na estrutura social.

Em seguida, adentramos a esfera da filosofia e ideologia com “Filosofia, Ideologia e Ciência Social - Ensaio de Negação e Afirmação”, de István Mészáros, publicado em 1993 pela editora Ensaio. Este trabalho oferece uma perspectiva profunda sobre as interseções entre filosofia, ideologia e ciência social, destacando as contradições inerentes ao sistema capitalista e as possibilidades de transformação social.

Por fim, revisitamos um clássico fundamental, “A Ideologia Alemã”, de Karl Marx e Friedrich Engels. Esta obra seminal, escrita no século XIX, permanece como uma referência essencial para compreender as bases teóricas do materialismo histórico e as críticas à ideologia dominante.

Ao explorar esses três textos, nosso objetivo é traçar conexões entre diferentes abordagens, enriquecendo a compreensão das dinâmicas sociais e políticas que permeiam as sociedades humanas.

Cada obra oferece insights valiosos, permitindo-nos refletir sobre os desafios contemporâneos à luz das análises e perspectivas apresentadas pelos respectivos autores.

## DESENVOLVIMENTO

### Fascismo

Na profusão de obras sobre fascismo (e conceitos semelhantes) que se sucederam com a recessão democrática global, é até estranho que marxistas clássicos que escreveram sobre o tema, como Palmiro Togliatti, autor de “Lições sobre o fascismo” (1978), não tenham sido reeditados no Brasil. A Boitempo supre, parcialmente, essa lacuna ao publicar em 2020 uma coletânea de ensaios do jurista soviético Evguiéni B. Pachukanis. Pachukanis, membro dos Bolcheviques, foi um dos mais importantes juristas marxistas, autor de “A teoria geral do direito e o marxismo” (2017). Apesar de acenar para os preceitos stalinistas em algumas de suas obras e inclusive contradizer alguns de seus próprios argumentos conforme a violência stalinista ascendia, o jurista acabou sendo executado em 1937, acusado, pelo regime, de conspiração. Sua obra foi reeditada e reabilitada posteriormente, quando da morte de Stálin. Com o nome mais simples possível, “Fascismo”, os ensaios de Pachukanis interessam por trazer uma perspectiva distinta do que se tem produzido no contemporâneo, seja em “Fascismo: um alerta”, de Madeleine Albright (2018), ou mesmo o já clássico “Anatomia do fascismo”, de Robert Paxton (2007), ainda que, como chave explicativa do fenômeno, seja limitado e incompleto. A capa, sintomática – uma mão esmagando uma cobra com a suástica no lugar de seu olho –, dita o tom panfletário dos ensaios.

A interpretação marxista do fascismo, que tem em Pachukanis (2020, p. 11) um de seus maiores expoentes, é, de certa forma, simples: pensa que o fascismo possui uma relação intrínseca com o capitalismo e seria, na prática, um mecanismo de autodefesa. Nesse sentido, liberais e fascistas não se diferem muito entre si – o segundo uma espécie de radicalização do primeiro. Melhor dizendo, o fascismo seria um mecanismo de defesa de um capitalismo ameaçado por suas contradições e pela

profecia do comunismo (Pachukanis, 2020, p. 11). Um último espasmo antes da morte, como um animal atacado que mostra suas garras e dentes. Naturalmente, percebe-se a primeira deficiência da interpretação: ao menos até 2021, a visão teleológica da história não se profetizou. A cada nova crise, o capitalismo sai fortalecido dentro de suas próprias contradições, como o crash econômico de 2008 e a consequente ascensão das políticas de austeridade evidenciam. Mais do que isso, com o esvaziamento global da única alternativa ao capitalismo, as conquistas dos Estados sociais são esvaziadas através da retórica perversa, para usar as ideias de Hirschman (2019), de que direitos sociais, na prática, produzem efeito contrário. Em outras palavras, o capitalismo está mais vivo do que nunca. E a recessão democrática global, com a ascensão de líderes messiânicos autoritários, nacionalistas, reacionários e populistas – e o fascismo é justamente um movimento que mescla simultaneamente esses quatro conceitos anteriores, como apontado por Menezes (2021) – mostra que o fascismo também está tão vivo quanto. Entrementes, por mais que exista, de fato, uma relação entre crises (econômicas, políticas etc.) e a ascensão do fascismo, somente com o maior dos malabarismos seria possível manter o argumento da ligação entre um capitalismo agonizante e o fascismo.

Para uma caracterização da ditadura fascista é o ensaio a abrir o livro. Um ensaio que já começa problemático, aspecto que se repete durante toda a obra. Sem oferecer nenhum dado empírico, Pachukanis (2020, p. 26) sugere que o fascismo seria a ditadura do grande capital, das elites conservadores, e não da pequena burguesia. Uma ideia que não se sustenta, seja à luz dos dados, da História ou mesmo da lógica: Hitler e Mussolini eram incômodos às elites conservadoras. Ainda que se ignore o fato de que o apoio ao fascismo se alastra por todos os setores sociais, inclusive entre o proletariado – algo que Pachukanis finge não ver, essa ideia não se sustenta. Os fascistas foram alçados aos seus postos porque, na prática, persistia um sentimento de que essas elites estavam prensadas em uma escolha muito difícil entre o fascismo e a esquerda. O fascismo chegou ao poder por ser visto como o menor dos males, mas, com seus líderes histriônicos e discursos populistas, não era particularmente confortável à estabilidade do mercado. Como Paxton (2007) mostra, o fascismo depende, inclusive, dessa associação desconfortável com os conservadores e liberais para conseguir

ascender ao poder de fato. Em suma, o grande capital tem grande parcela de responsabilidade, mas é simplório tomá-lo por único culpado. E se é verdade que o fascismo depende de todas as classes, também o é que a pequena burguesia é seu maior expoente (Felice, 1976). Não é sem motivo que figuras como Hitler e Mussolini, ou mesmo Bolsonaro, para utilizar um exemplo contemporâneo, advenham dessa pequena burguesia.

Mas, em um vício que começa no primeiro ensaio e se dispersa por todo o livro, Pachukanis (2020, p. 13-15) impõe o equivalente de esquerda do discurso de escolha muito difícil ao tratar liberalismo e fascismo como sinônimos. Ironicamente, ainda que o próprio autor rechace e tome por desprezível a associação que os liberais fazem em tomar como sinônimo fascismo e comunismo, depreende exatamente o mesmo esforço, apenas substituindo um ator pelo outro (Pachukanis, 2020, p. 14-15). Como mostra Paxton (2007, p. 22), na prática autores contemporâneos a Terceira Internacional não buscaram apreender o que o fascismo era em suas potencialidades, mas sim deslocá-lo para uma interpretação conveniente que corroborava com a profecia teleológica: “Mesmo antes de Mussolini ter consolidado por completo seu poder, os marxistas já tinham pronta sua definição para o fascismo, ‘o instrumento da grande burguesia em sua luta contra o proletariado’”.

Por outro lado, Pachukanis (2020, p. 14) é sóbrio ao perceber a grande diferença do fascismo em relação a outras formas de movimentos políticos, como o bonapartismo: seu pilar está na base de massas. Ainda que essa não seja a única característica que o difere, é, sem dúvidas, uma das principais, junto do nacionalismo. Sem base de massas não há fascismo, da mesma forma que não o há sem o mito da nação (ou ao menos algum equivalente). Uma base de massas excitada com a perspectiva de um belicismo inerente. Também é interessante sua percepção de que o fascismo atua “como um Estado dentro do Estado” (Pachukanis, 2020, p. 14 e 16), e por ter percebido, ainda na década de 1920, o que Paxton (2007) ressaltou quase 100 anos depois: o fascismo, a longo prazo, parece insustentável e aparenta sempre caminhar à autodestruição. Também vale destacar que o autor perceba que o fascismo é contraditório porque está em constante evolução, não podendo ser compreendido de forma congelada, mas em permanente mutação (Pachukanis, 2020, p. 27).

O segundo ensaio, Fascismo, é, como o nome sugere, uma tentativa de definir o que é o fascismo, uma tentativa tão ecoada posteriormente e, como acontece com Pachukanis (2020, p. 16), tão insuficiente. Pachukanis (2020, p. 16) entende o fascismo como “âncora de salvação dos grandes capitalistas”, uma vez mais insistindo na interpretação de tomá-lo por movimento da alta burguesia. Originalmente um verbete à “Enciclopédia do Estado e do Direito”, apesar de simples e limitado por suas curtas cinco páginas, superficial para tratar “grande inovação política do século XX” (Paxton, 2007, p. 13)<sup>1</sup>, Fascismo traz alguns pontos pertinentes. Sintetiza a origem, o significado, a aplicação e a ascensão do Fascismo.

Em A crise do capitalismo e as teorias fascistas de Estado, Pachukanis (2020, p. 17), uma vez mais como o nome do ensaio indica, retorna à visão teleológica da História ao assumir que as crises cíclicas tornariam o capitalismo insustentável. Assim, o fascismo seria uma maquiagem do capitalismo, uma substituição forçada de um capitalismo que não mais se sustenta (Pachukanis, 2020, p. 18). Apesar do exagero, e a História ter provado que o capitalismo sempre encontra um jeito de sobreviver às suas crises, é preciso elogiar a percepção de Pachukanis (2020, p. 19) quando lembra, astutamente, que o fascismo não modifica as bases econômicas. Talvez por escrever no calor do momento, e cego por sua ideologia política, o autor não tenha percebido que existe uma associação entre fascismo e liberalismo sim, mas não tão descarada quanto ele sugere.

O fascismo surge do amálgama do liberalismo com a democracia de massas, não como um projeto calculado maquiavelicamente, mas como um doppelgänger, um duplo que se origina para eliminar a sua fonte. Não é sem motivo que o fascismo seja antiliberal, um detalhe crucial que o autor ignora. Contudo, ser antiliberal não significa ser anticapitalista. O fascismo enxergava no liberalismo um materialismo degenerado, uma forma apática de política que não se baseava na paixão de e para a nação, razão, inclusive, pela qual aplica a circulação das elites da qual fala Pareto (2014) – a substituição forçada de uma elite vista como degenerada por uma nova. Entretanto, nunca se propôs a alterar as estruturas econômicas, que se mantêm capitalistas e exploratórias. Ironicamente, Pachukanis (2020, p. 28) traz mais de uma passagem que evidencia o fascismo como explicitamente antiliberal, como

quando Mussolini defende que seu movimento é uma batalha permanente contra os ideais de 1789.

Mas o ensaio mais problemático é, sem dúvidas, o último: Como os sociais-fascistas falsificaram os soviets na Alemanha. Nele, Pachukanis (2020, p. 17) não disfarça o panfletarismo e ataca virulentamente os sociais-democratas alemães. Deslocando toda sorte de epítetos a eles – sociais-fascistas, sociais-chauvinistas, sociais-traidores, o jurista soviético empreende a gênese da banalização do conceito de fascismo. Não obstante aos pontos anteriores insuficientes de sua interpretação – a visão teleológica da história, tomar o fascismo como sinônimo de liberalismo, entre outros – o malabarismo para incluir liberais, sociais-democratas e fascistas no mesmo balaio acaba por esvaziar não apenas o conceito de fascismo, mas também os argumentos do autor, um argumento compartilhado por Stálin. Supostamente sociais-fascistas porque os sociais-democratas alemães reprimiram a revolução espartaquista, na prática exagerando a força do movimento de Rosa Luxemburgo (Pachukanis, 2020, p. 89). Uma vez mais, o olhar retroativo à História revela a ironia e a insuficiência do argumento de “sociais-fascistas”, em particular no trecho em que Pachukanis afirma que

a fim de conservar e se utilizar dos métodos do fascismo e do social-fascismo, a burguesia opera manobras com a ajuda dessas duas brigadas fundamentais, as quais se completam e se continuam. O camarada Stálin disse que a social-democracia é a ala moderada do fascismo, que o êxito do fascismo está ligado ao trabalho da social-democracia, que a socialdemocracia mantém determinadas posições para apoiar a ofensiva de combate aberto contra a classe trabalhadora, que conduz o fascismo. Nessa situação, o fator subjetivo é a nossa luta, a luta do proletariado é decisiva. Nessa luta, é importante desmascará-los, é importante golpear ideologicamente os dois pilares nos quais, agora, se apoia o domínio do capital [...] todo o curso concreto da luta política nos últimos tempos mostra que a fronteira entre a democracia burguesa e o fascismo está se tornando cada vez menos perceptível (Pachukanis, 2020, p. 67-68).

Pachukanis encarna o argumento de Jeanne Marie Gagnebin (1993, p. 17), quando este afirma que “Os dois partidos de esquerda foram, portanto, incapazes de se opor eficazmente à ascensão do

fascismo; mais que isso, cada um deles tendia a considerar o outro como seu principal inimigo, e assim a recusar a unidade de ação na luta antifascista”. A despeito da cota de pecados da socialdemocracia alemã, rotulá-la como fascismo moderado, apenas fortalece o fascismo em si e o despreparo para lutar contra ele. A esquerda, presa em seu cristal de arrogância, estava tão preocupada brigando dentro de si que percebeu tarde demais a ameaça do nazifascismo.

“Fascismo” é um livro com público bem definido: marxistas, ou aqueles que pesquisam o fascismo e, portanto, precisam se familiarizar com suas diversas interpretações. Para o público leigo, há obras mais ricas, como o já mencionado “Anatomia do fascismo”. Ainda que, naturalmente, a interpretação marxista do fascismo absorva diferentes vieses – a visão de Gramsci difere da de Pachukanis, por exemplo – a síntese da teoria pode ser encontrada em “Fascismo”. Com alguns pontos interessantes, mas perceptíveis deficiências e traços propagandísticos, os ensaios não envelheceram bem. E, a despeito da necessidade de uma publicação marxista sobre o tema, não é uma nova edição que irá revivê-los.

## **Filosofia, Ideologia e Ciência Social**

O livro “Filosofia, Ideologia e Ciência Social -Ensaio de negação e afirmação” do professor de filosofia na Universidade de Sussex - Inglaterra, Istvan Meszaros, foi originalmente publicado em 1986, pouco antes da queda do muro de Berlim e do desmoronamento da União Soviética. Neste livro, o autor procura esclarecer o poder da ideologia e qual é o seu papel no processo de ajustamentos estruturais, que utiliza seus recursos na manutenção das condições de dominação pelas classes hegemônicas. O momento histórico que vivemos, de virada de século, revela a forçada ideologia, que mantém e fortalece os interesses das classes dominantes, que atualmente toma forma via as idéias imperativas do neoliberalismo. Estas idéias são veiculadas principalmente pela mídia, que tem-se espalhado pelo mundo, junto ao processo de globalização econômica e financeira, na tentativa de criar uma consciência, como “verdade” única, de que tudo deve ser determinado pelas regras do



mercado. O conceito central de “mercado” vem destruindo muitas referências solidificadas ao longo da história da humanidade. Dentro estas podemos destacar o conceito de “consciência de classe”, que embasa a formação dos sindicatos, como representação na luta dos interesses dos trabalhadores. Com a ideologia dominante, tem-se pregado incessantemente, o individualismo como um valor atual. Onde vence os mais preparados, mais fortes, outodados de melhor sorte na vida. Aos despreparados, mais fracos ou sem sorte, cabe a periferia, o desemprego, ou subemprego, engrossando as grandes massas de excluídos. A desestruturação do trabalho temgerado crescentes volumes de desempregados e de pessoas com subempregos, onde foram abolidos todos direitos sociais conquistados no passado. Vemos a consciência de classe sendo enfraquecida, com a consequente desmobilização pela defesa dos direitos conquistados. Neste cenário, o livro do professor Meszáros oferece a oportunidade de reflexão e compreensão dos fatos atuais, que a primeira vista parecem destituídos de segundas intenções.

O livro está estruturado em oito capítulos, com ensaios que tratam de diversos temas sobre filosofia, a análise literária e as ciências sociais. Meszáros mostra que o impacto prático da ideologia tem estado presente nas diversas sociedades, desde a antiguidade até o presente, e que a ideologia como forma específica de consciência social, é inseparável das sociedades de classe. “Deve-se enfatizar que o poder da ideologia dominante é indubitavelmente enorme, não só pelo esmagador poder matéria e por um equivalente arsenal político-cultural à disposição das classes dominantes, mas, sim, porque esse poder ideológico só pode prevalecer graças à posição de supremacia da mistificação, através da qual os receptores potenciais podem ser induzidos a endossar, “consensualmente”, valores e diretrizes práticas que são, na realidade, totalmente adversas a seus interesses vitais. As ideologias críticas, que procuram negar a ordem estabelecida, não podem se quer mistificar seus adversários, pela simples razão de não terem nada a oferecer - nem mesmo subornos ou recompensas pela aceitação - àqueles já bem estabelecidos em suas posições de comando, conscientes de seus interesses imediatos palpáveis. Portanto, o poder de mistificação sobre o adversário é privilégio exclusivo da ideologia dominante.

”[...]“as várias formas ideológicas de consciência social acarretam diversas

implicações práticas de longo alcance na arte e na literatura, bem como na filosofia e na teoria social, independentemente de sua ancoragem sócio-política em posições progressistas ou conservadoras.” (pag. 10)

Para Meszáros, a posição ideológica que “questiona radicalmente a persistência histórica do próprio horizonte de classe, antevendo, como objetivo de sua intervenção prática consciente, a supressão de todas as formas de antagonismo de classes.”. É a única que pode tentar superar as condições de uma sociedade dividida em classes. A visão marxiana de que na atual conjunção do desenvolvimento histórico, a questão de “transcendência” deve ser formulada em termos da necessidade de ir para além da sociedade de classes comunal, e não apenas para além de um determinado tipo de sociedade de classes em prol de um outro, não significa, absolutamente, que se possa escapar baseando-se unicamente nessa visão, da necessidade de se articular a consciência social.

O capítulo “Ideologia e ciência social” mostra as características estruturais fundamentais das várias formas de ideologia; das condições materiais e sociais dos mecanismos que determinam a emergência e as transformações sutis das ideologias específicas; dos instrumentos complexos e das instituições requeridas para assegurar o impacto razoavelmente duradouro dos sistemas ideológicos; e do relacionamento intrincado entre ideologia e ciência social. Mostra a definição weberiana de capitalismo preenche suas funções ideológicas sob a aparência de uma formulação “não ideológica” e “descritiva”, e observa que Weber ao construir um instrumento neutro de análise, acaba por produzir uma arma ideológica que torna-o capaz de descartar-se do adversário ideológico. Meszaros afirma que os instrumentos e métodos de análise social nunca podem ser radicalmente neutros em relação ao seu objeto.

No capítulo “Consciência de classe necessária e consciência de classe contingente”, o assunto em questão é a relação entre a necessidade histórica e a consciência de classe. Mostra que há uma contradição entre Marx e Gramsci: o primeiro fala sobre o proletariado forçado a realizar sua tarefa histórica, enquanto o segundo afirma que há a necessidade do proletariado organizar-se com consciência de si mesmo. Nos termos da metodologia dialética de Marx, os fundamentos

econômicos da sociedade capitalista constituam os “determinantes fundamentais” do ser social de suas classes, e são também, ao mesmo tempo, “determinantes determinados”. As afirmações de Marx sobre o significado ontológico da economia só fazem sentido se formos capazes de apreender sua idéia de “interações complexas”, nos mais variados campos da atividade humana. Meszáros mostra que “.. o conceito das “condições materiais de vida” ocupa, estrutural e geneticamente, uma posição essencial no sistema marxiano, - isto é, tanto em relação à gênese histórica das formas mais complexas de intercâmbio humano, com o fato de que as condições materiais constituam a pré-condição de vida humana estruturalmente necessária em todas as formas concebíveis de sociedade -, tal conceito não é, de forma alguma, capaz, por si só, de explicar as complexidades do próprio desenvolvimento social.” (pág. 78)

O capítulo “Marx filósofo” trata da relação entre Marx e Hegel, que é refletida na filosofia marxiana e na sua concepção da dialética. Marx insistia na reintegração da filosofia à vida real em termos de necessidade de filosofia como necessidade da sua realização a serviço da emancipação.

O capítulo “Kant, Hegel, Marx: a necessidade histórica e o ponto de vista da economia política” procura compreender que tipos de concepções históricas são tanto compatíveis quanto expressamente corroboradas pelo ponto de vista da economia política

.Os demais capítulos do livro, abordam outros temas relacionados à filosofia e literatura, com os seguintes títulos: “Marx e direitos humanos”, “Crítica à filosofia analítica”, “ A metáfora e o símile” e “ A alienação na literatura européia”.

## **A Ideologia Alemã**

Ao fim do século XX vimos sociedades socialistas, que não materializaram a teoria marxiana sobre este tipo de sociedade, serem superadas, levando, juntamente a necessidade de resposta às crises econômicas periódicas do capital, ao desenvolvimento das novas formas burguesas de explicar, justificar e organizar a sociedade. Os intelectuais burgueses começaram a ver mudanças estruturais

onde há somente arranjos paliativos, explicando estas supostas mudanças com argumentos que surgem e findam nas suas cabeças, tal como os filósofos idealistas no século XIX. Assim surge o problema: Como se forma a consciência na sociedade burguesa? Partimos da discussão travada no século XIX entre os filósofos idealistas e os fundadores do materialismo histórico, que aponta a formação da consciência a partir do Espírito Absoluto ou a partir das condições materiais de produção da vida, respectivamente. Discutimos a questão explorando as proposições do texto de Marx e Engels intitulado “Feuerbach”, tentando captar e explicitar os pontos principais deste escrito que direcionam ao esclarecimento da nossa dúvida. Também buscamos o entendimento do contexto histórico, seus determinantes materiais e as relações sociais que condicionaram a consciência dos próprios autores da obra discutida.

O texto estruturou-se em: 1. Introdução – entendendo o texto, apontamentos iniciais, situando os autores e seu tempo histórico e, o contexto europeu do século XIX; 2. O idealismo contraposto ao materialismo histórico dialético; 3. Sobre a produção da consciência: as bases materiais da revolução real; Considerações finais. As idéias centrais captadas no texto “Feuerbach” foram: 1ª-A base da concepção materialista e dialética da história é o homem no seu processo efetivo de vida; 2ª-As condições efetivas para produzir a vida materialmente é que determinam a consciência dos homens; 3ª-A consciência se resolve modificando-se a base material de reprodução da vida; 4ª-O proletariado só pode ser livre para humanizar-se totalmente, no coletivo, através da destruição e superação das relações de produção estabelecidas no capitalismo. Por fim, afirmamos que a importância de entendermos como se forma a consciência, diz respeito ao fato de sabermos que ela é um elemento humano, historicamente construído e modificado, a partir das bases materiais de produção da vida e das ações humanas nessa produção. Esse conhecimento retomado na contemporaneidade nos dá elementos para fazermos a leitura crítica das evoluções históricas, anunciadas pelos “pós- modernos”. Para entendermos que a dita sociedade pós-capitalista é, mais um exercício ideológico de revolução do mundo a partir do espírito humano.

Na sociedade hodierna muito se tem falado em inclusão social, solidariedade, voluntariado,

flexibilidade, cidadania, ética e outros termos, que se dirigem aos setores excluídos e marginalizados da sociedade. São termos que elucidam um determinado pensamento, que direciona as ações da coletividade internacional, visando atender as necessidades que a humanidade apresenta neste momento. Estas ações declamam um discurso fraterno, que nos remete aos velhos ideais de “igualdade, liberdade e fraternidade”, já prometidos pela burguesia em 1789, durante a Revolução Francesa, mas que, três séculos depois, os trabalhadores do mundo inteiro não alcançaram, muito pelo contrário, vêm-se cada vez mais longe desse sonho.

Surgiram situações históricas em que se conseguiu instalar sociedades socialistas, que, todavia, não materializaram a teoria marxiana sobre este tipo de sociedade, e que superadas, levaram, juntamente a necessidade de resposta às crises econômicas periódicas do capital, ao desenvolvimento das novas formas burguesas de explicar, justificar e organizar a sociedade. Após o pensamento econômico liberal, onde ainda existia um estado de coisas que garantia certas condições humanas de vida aos trabalhadores (Welfare State), irrompe o chamado neoliberalismo econômico, que começa a reestruturar o capitalismo de forma arbitrária àquelas condições mínimas de vida que os trabalhadores haviam conquistado. Retira-se das áreas sociais recursos para manter vivo um sistema que não é auto sustentável, causando maior depauperação dos trabalhadores.

Frente a estas mudanças, setores da intelectualidade hodierna começam a ver mudanças estruturais onde há somente arranjos paliativos. Conclamam o fim do período histórico marcado pela superação do Feudalismo e implementação do Capitalismo; o fim da sociedade de classes, dos interesses de classes e até mesmo das classes sociais. Chegam, no auge desse absurdo, a proclamar “O Fim da História”, afirmando que o capitalismo é a forma mais avançada possível de sociedade, que já se encontra atualmente no seu estágio último de desenvolvimento.

Podemos retomar um trecho do início de “A Ideologia Alemã” para sintetizar nossa crítica a estas posturas, que assim como no tempo em que foi escrito o texto aqui discutido, partem da mente de quem as defende:

Os princípios se suplantavam uns aos outros e os heróis do pensamento

investiam uns contra os outros com uma precipitação inaudita, e nesses três anos de 1842 – [18]45 se puseram mais coisas em ordem na Alemanha do que em três séculos. E tudo teria se passado no pensamento puro (MARX, K; ENGELS, F, 1984, p. 183).

Esse recrudescimento da filosofia ideológica que discute e explica o mundo e a sociedade, demonstra o pensamento atual que legitima a forma como se estrutura e se reproduz esse estágio social em que nos encontramos. Expõe “os delírios da razão” (emprestando a expressão de FRIGOTTO, 1998) e a esquizofrenia do discurso capitalista frente às contradições agravadas e que emanam das relações sociais efetivas, surgindo à questão motivadora desse escrito: Como é formada a consciência dos seres humanos na sociedade capitalista?

Colocado o problema da nossa reflexão, expomos os pontos principais captados por nós – que dizem interesse ao objeto específico de nossa discussão - no texto que Marx e Engels desenvolveram, evidenciando que existem duas formas contrárias de perceber e explicar os homens e as suas consciências:

1º - A base da concepção idealista da história é a especulação, o que se imagina sobre os fatos, ao tempo que a base da concepção materialista e dialética da história é o homem no seu processo efetivo de vida;

2º- Não a consciência que determina as condições de vida dos homens, mas as condições efetivas para produzir a vida materialmente é que determinam a consciência dos homens;

3º - Não se consegue a emancipação da consciência através da crítica ao que pensam os homens. A consciência se resolve modificando-se a base material de reprodução da vida;

4º - Defendo o seu interesse individual, o trabalhador poderá alcançar no máximo a ilusão da liberdade. O proletariado só pode ser livre para humanizar-se totalmente no coletivo, através da destruição e superação das relações de produção estabelecidas no capitalismo.

“A Ideologia Alemã”, como observa Fernandes (1984), sistematiza a história como ciência,

traz o esboço de uma teoria geral da sociedade, o núcleo de uma teoria das classes sociais e da ideologia, a partir da revolução burguesa em processo e da inclusão clara do comunismo no ponto de vista científico e, a passagem da filosofia especulativa para a ciência da história.

## CONCLUSÃO

Ao concluir esta análise crítica das obras “Fascismo” de Evguiéni B. Pachukanis, “Filosofia, Ideologia e Ciência Social - Ensaio de Negação e Afirmção” de István Mészáros, e “A Ideologia Alemã” de Karl Marx e Friedrich Engels, emerge uma compreensão mais profunda das complexidades inerentes às questões políticas, sociais e filosóficas. Cada autor, à sua maneira, contribui significativamente para o entendimento das dinâmicas que moldam as sociedades e as ideias que as permeiam.

A obra de Pachukanis destaca-se por sua análise incisiva do fascismo, fornecendo uma visão crítica que transcende a mera descrição dos eventos históricos. Ao desvelar as raízes ideológicas do fascismo, Pachukanis nos alerta sobre os perigos de uma ideologia que subverte os valores fundamentais da sociedade.

Os ensaios de Mészáros, por sua vez, oferecem uma reflexão profunda sobre a filosofia, a ideologia e a ciência social. Ao abordar as contradições inerentes ao sistema capitalista, Mészáros instiga os leitores a questionarem as bases ideológicas que sustentam as estruturas sociais existentes.

Por fim, a relevância eterna de “A Ideologia Alemã” é reafirmada na medida em que Marx e Engels delineiam os princípios do materialismo histórico, criticando as ideias dominantes de sua época e oferecendo uma base teórica para a compreensão das mudanças sociais.

Dessa forma, ao reunir as análises desses três notáveis autores, nossa conclusão ressalta a importância de considerarmos diferentes perspectivas para uma compreensão mais abrangente e crítica da realidade. Estas obras, ainda relevantes em seu escopo e profundidade, convidam-nos a refletir sobre os desafios presentes e futuros, incentivando-nos a buscar soluções que transcendam as

limitações impostas pelas ideologias hegemônicas. O diálogo entre esses textos continua a enriquecer a discussão acadêmica e a inspirar a busca por uma compreensão mais profunda das dinâmicas que moldam o mundo em que vivemos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRIGHT, Madeleine. Fascismo: um alerta. São Paulo: Planeta, 2018.

ENGELS, Friedrich. Karl Marx. In: Marx Hoje. 2ª ed. São Paulo: Editora Ensaio, 1988. (Caderno Ensaio; Grande Formato) [p. 71-84]

FELICE, Renzo de. Explicar o fascismo. Lisboa: Edições 70, 1976.

FERNANDES, Florestan. K. Marx e F. Engels: História. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais: 36).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Walter Benjamin: os cacos da História. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

HIRSCHMAN, Albert O. A retórica da intransigência: perversidade, futilidade e ameaça. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARX, K; ENGELS, F. A Ideologia Alemã. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

MCCLELLAN, David. O pensamento de Marx, uma introdução. Coimbra, Portugal: Coimbra Ed. 1974.

MENEZES, Sergio Schargel Maia de. O Ur-Fascismo ontem e hoje: aparições literárias de uma metodologia de poder. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: [https://www.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/1912329\\_2021\\_completo.pdf](https://www.dbd.pucRio.br/pergamum/tesesabertas/1912329_2021_completo.pdf).

MESZÁROS, István. Filosofia, Ideologia e Ciência Social - Ensaio de Negação e Afirmação. São Paulo: Editora Ensaio, 1993.

PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

PACHUKANIS, Evguiéni. Teoria geral do direito e marxismo. São Paulo: Boitempo, 2017. PARETO, Vilfredo. Manual of political economy. Oxford: Oxford University Press, 2014.

PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

TOGLIATTI, Palmiro. Lições sobre o fascismo. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1978.